



ISSN: 2358-0844
n. 18, v. 1
out.2022-dez.2022
p. 138-153

Uma bicha do Sertão na cidade maravilhosa: experiência migratória, corpo e deslocamento

(A faggot from Sertão in the wonderful city: migratory experience, body, and displacement)

(Un maricón del Sertão en la ciudad maravillosa: experiencia migratoria, cuerpo y desplazamiento)

Stallone Pereira Abrantes¹
Marcia Moraes²

RESUMO: Estes escritos surgem de uma rede de experiências que se desenharam ao longo dos últimos quatro anos. O pontapé inicial da narrativa é a chegada de uma bicha do sertão da Paraíba na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo deste artigo é relatar a experiência e refletir sobre o percurso da bicha em questão. O método é baseado nas metodologias da pesquisadora Marcia Moraes, nomeado como o PesquisadorCOM, e a Etnobiografia de Viviane Vergueiro.

PALAVRAS-CHAVE: Migração. Nordeste. Bicha. Corpo.

Abstract: These writings came from a net of experiences drawn during the last four years. The first step of this narrative is the arrival of a faggot from the Sertão of Paraíba in the municipality of Rio de Janeiro. This paper aims to report the experience and reflect about the path of the faggot in question. The method is based on methodologies from the researcher Marcia Moraes, named as the PesquisadorCOM, and the Ethnobiography of Viviane Vergueiro.

Keywords: Migration. Northeast. Faggot. Body.

Resumen: Este texto surge de una red de experiencias que se han diseñado en los últimos cuatro años. El punto de partida de la narración es la llegada de un maricón del sertão de Paraíba (Brasil) a la ciudad de Río de Janeiro. El propósito de este artículo es relatar la experiencia y reflexionar sobre el camino de esta persona. El método que se utiliza está basado en el de la investigadora Marcia Moraes llamado PesquisaCOM y la Etnobiografía de Viviane Vergueiro.

Palabras clave: Migración. Noreste. Maricón. Cuerpo.

1 Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor no curso de Psicologia do Centro Universitário de Valença (Unifaa). Atua como psicólogo no Complexo de Favelas da Maré no Rio de Janeiro. Pesquisador de temáticas em torno de migração, sexualidade e subjetividade. E-mail: stallone_abrantes@hotmail.com
2 Professora Titular no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), ministra aulas na graduação e na pós-graduação *strito sensu* – mestrado e doutorado. Desenvolve pesquisas ligadas aos seguintes temas: epistemologia da psicologia, psicologia e estudos da ciência, tecnologia e sociedade (CTS), feminismos e deficiência. Desde o ano de 2003 vem realizando pesquisas no campo da deficiência visual, fazendo uso de métodos e referenciais de investigação orientados pelos estudos da deficiência, em particular pela perspectiva feminista. E-mail: mazamoraes@gmail.com



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 25/06/2022
Aceito em 08/10/2022

1 Sobre migrações

Migrar diz mais sobre desejo do que deslocamento geográfico. Migração é uma questão frequente na história do Brasil, procedimento esse que se entrelaça com os percursos e a formação do povo nordestino. (OLIVEIRA, 2011) Os estudos e as histórias sobre migrações de nordestinas(os) têm se debruçado apenas em torno de sujeitos universais, sem raça, gênero, orientação sexual. Brah (2006) compreende por sujeitos universais o modo de viver, pensar e apresentar determinados corpos que não delimitam as demarcações as quais estão submetidos, principalmente os elementos minoritários que os compõem.

Muitas são as causas que fazem as pessoas se deslocarem dos seus territórios de origens e os que aparecem com frequência são: a fuga da fome e da miséria, idealização de melhoria de vida nos grandes centros urbanos, busca por trabalho, melhor qualificação no âmbito de carreira profissional e na tentativa de fugir das mais variadas violências. As pessoas nordestinas que migraram para o Sudeste brasileiro se deparam com uma nova experiência, chamada por Mombaça (2017) de matização do terror pela aversão ao território de origem. Tais migrações são concebidas como inferiores e causadoras de muitas das mazelas que assolam os problemas sociais vigentes nas cidades para onde migraram e representam seu deslocamento. (REGO; GALINDO; RABAY, 2014)

No tocante ao contexto histórico-político brasileiro, os relatos oficiais remetem ao final do século passado como um momento precursor dos primeiros deslocamentos do eixo norte-sul em solo brasileiro. (MELO; FUSCO, 2019) A alta concentração de recursos e o deslocamento dos produtos e do lucro da região nortista para o eixo sul do país fizeram aparecer o modo como a concepção regional do atraso e da miséria emergiu. Essa imagem difundida criou na subjetividade do povo brasileiro uma ideia ancorada num Nordeste que depende de forma *stritu sensu* do olhar caridoso do Sudeste, percepção sobre o povo nordestino que até hoje prevalece no cotidiano das pessoas que vivem numa cidade como o Rio de Janeiro.

Entendendo os jogos que sustentam a possibilidade de pensar o Brasil, o Nordeste passa a ser entendido como uma invenção (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011), localizado e produzido num determinado momento histórico e político. Em seu livro *A invenção do Nordeste*, Durval Muniz nos coloca que a região nordestina não se configura como uma unidade que se apresenta com elementos diversos, mas que ela se constitui ao longo de um processo de homogeneização, a partir de disputas de narrativas.

Nessa concepção, o Nordeste extrapola uma ideia de região e passa a ser um conceito, um modo de pensar e intervir na realidade na qual ele está atravessado. A concepção histórica da região



surge a partir de um saudosismo com o período de escravização e como forma de centralizar o valor da produção artesanal e não industrial do Brasil. A expressão Nordeste aparece pela primeira vez nos escritos da Inspetoria Federal das Obras Contra a Seca (Ifocs) (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011; BERNARDES, 2007) como resposta às grandes secas de 1915 e 1919 no governo transitório de Delfim Moreira. A ideia inicial da região compreendia uma área que vai de Alagoas ao Ceará, sem incluir os estados mais próximos do Norte (Maranhão e Piauí) e do leste do mapa (Bahia e Sergipe). É na década de 1920 que surge a ideia de Nordeste atual. Vale salientar que ao longo de todos esses anos se solidificou a imagem de um Nordeste da fome e da miséria e, não por acaso, dois elementos foram fundamentais para isso: até o século XX, todos os estados acima da Bahia eram entendidos como do Norte do país. O primeiro argumento para diferenciar os estados nortistas para a nova região era a vegetação alicerçada na representação da caatinga e do semiárido, com a justificativa que os estados do atual Norte do país apresentam um clima e uma vegetação úmida e florestal. O segundo elemento era a afirmação cultural e suas raízes. Enquanto os estados da parte de baixo do mapa brasileiro sofriam alterações em seus aspectos culturais e identitários, não sendo fácil fixar em uma representação unificada, a nova região trazia em seu centro a imagem da superação e da fortaleza, o que até hoje é bastante difundido como as populações que tudo suportam, os povos resilientes e da pobreza.

Estes escritos surgem de uma rede de memórias que se desenharam ao longo dos últimos quatro anos. O início da narrativa é a chegada de uma bicha³ do sertão da Paraíba na cidade do Rio de Janeiro, sem nenhum parente e apenas com uma aprovação numa pós graduação, (re)atualizando as migrações e os desejos de deslocamento no século XXI. Foi assim que este texto funcionou como uma nova alternativa aos sujeitos universais criados ao longo do século passado. As pessoas que migram têm histórias, origens e desejos e é isto que nos interessa aqui. O objetivo deste artigo é construir narrativas e refletir sobre o percurso das pessoas que as vivenciam.

É dentro de um percurso migratório causado por origens e migrações que aparece outra categoria na qual estes escritos se interessam: quem são essas pessoas que saem de suas casas para viverem a milhares de quilômetros de suas origens? E se quebrarem com a imagem hegemônica de homens extremamente masculinizados? E se falarem fino ou rebolem demasiadamente? E se forem bichas?

3 Adotei o termo 'bicha' na tentativa de reafirmar este corpo-bicha sertanejo, que, após sete gerações, acessou a universidade e que hoje pode ocupar uma pós-graduação em uma universidade no Sudeste do Brasil. Bicha como afirmação ético-política. (Silva, 2020)



2 Método

As duas principais direções de métodos utilizados neste texto serão o PesquisarCOM e a autoetnografia. A proposta do pesquisarCOM (MORAES, 2010) indica que pesquisar é uma prática situada, corporificada. Pesquisamos com e a partir de nossas localizações como sujeitos políticos. Trata-se de uma ética de pesquisa, conforme salienta a autora, proposta por epistemologias feministas. Neste trabalho, o pesquisarCOM é uma direção de método que nos instiga a narrar as histórias situadas de uma bicha nordestina que migra para o sudeste. Em seu artigo, Moraes (2010) levanta perguntas relevantes: “O que deixamos de fora dos nossos relatos? Por que o fazemos? O que incluímos? Por que incluímos em nossos textos estes e não aqueles outros relatos?”. (MORAES, 2010, p. 34) Diante de tais questões, afirmarmos que narramos para interferir na história única que oprime e violenta a bicha nordestina – e outros corpos nordestinos – com estereótipos incapacitantes. Neste trabalho, incluímos relatos a partir da autoetnografia (VERGUEIRO, 2015) com a finalidade de mostrar opressões e violências cotidianas sobre vidas que migram no percurso Nordeste/Sudeste.

A autoetnografia aparece como forma de conceber a pesquisa, a partir de uma maneira de expressar memórias dos variados elementos aqui descritos como aspectos subjetivos, culturais, históricos e expressões individuais que ajudam a pensar questões mais amplas. (VERGUEIRO, 2015) O método da autoetnografia que já vem sendo discutido há alguns anos diz de uma pesquisa com relação estreita com o campo, lugar que epistemologicamente é compreendido como importante. “Neste gênero acadêmico, podemos incluir uma variedade de linhas de estudo, como as ‘narrativas pessoais’, ‘autohistórias’, ‘etnografia pessoal’ e ‘etnografia nativa’”. (VERGUEIRO, 2015, p. 27)

A partir da aposta dos métodos citados, entendemos o potencial para refletir acerca das narrativas territoriais urbanas e sua relação com as questões em torno da sexualidade e de gênero e dos processos migratórios, sobretudo de uma pessoa que se reconhece como uma bicha e que aprofunda o lugar de protagonismo na apresentação dessas histórias (na maioria das vezes silenciadas na produção de conhecimento).

Sublinhamos que o texto usará em alguns momentos a primeira pessoa do singular, justamente para marcar o percurso autoetnográfico. Em outros pontos, lançamos mão da primeira pessoa do plural para indicar que as proposições e questões que levantamos foram tecidas no encontro entre os autores deste texto.



3 Escrever é também uma migração

Escrever sobre algo que tanto te mobiliza ao ponto de doer é um imenso e constante desafio. Mas é preciso entender que não é apenas uma questão pessoalizada, mas uma maneira de fazer ecoar narrativas por onde quer que uma bicha esteja, logo, passa a ser uma afirmação no mundo. Uma tentativa de permanecer viva.

No Brasil, foram assassinadas 316 pessoas LGBTQI+ em 2021, segundo relatório do Grupo Gay da Bahia (OLIVEIRA; MOTT, 2022) e esse levantamento foi realizado a partir de reportagens nos mais diversos meios de comunicação brasileiros, evidenciando que os números são bem maiores, visto que a ausência de informações e de coleta advinda do Estado fazem emergir a necessidade dos movimentos sociais realizarem uma sistematização de materiais passíveis de críticas e de reflexão. Os dados revelam que o Brasil é o país mais perigoso para a vida de pessoas LGBTQI+, sobretudo de travestis e transexuais. Vale salientar que não se pode naturalizar as mortes mediante a ode à crueldade que permeia as relações sociais urbanas.

Cresci e nasci no estado da Paraíba (PB), que no ranking se encontra no 16º lugar em mortes desta população, mas anos atrás a história era outra. A Paraíba já esteve no topo do ranking e tal mudança se deu pela forte atuação de movimentos LGBTQI+, o que fez o estado da Paraíba ser o primeiro a criminalizar a violência contra essa população em todo território nacional. Saí de terras paraibanas para o Rio de Janeiro, em 2015, após a aprovação na Pós Graduação em Psicologia no curso de mestrado da Universidade Federal Fluminense (UFF). O anseio era de tentar outra vida na cidade maravilhosa, o que significou a construção de um corpo que viveria ainda sem saber como as marcas de um Nordeste generalizado estruturado na imagem dos cariocas sobre os povos dos nove estados daquela região. Encontrar com um paradoxo – sair do estado que nos últimos anos investiu significativamente em políticas públicas para a população LGBTQI+ para o quarto estado que mais tem assassinado corpos como este que escreve – é de tremer a carne.

A imagem nacional que emergiu no início do século XX era de um Sul/Sudeste desenvolvido, com os grandes centros urbanos e a produção em grande escala das fábricas e do comércio, enquanto as relações econômicas e políticas da região Nordeste eram apresentadas como arcaicas e reduzidas a duas figuras, como os donos de terras e fazendas e pessoas que não tinham acesso ao ensino formal, dependentes dos favores desses para sobreviver. A ideia é que nas demais regiões não existiam essa prática ou que há muito tempo deixaram de ser exercidas. (GARCIA, 2017)

Essa discussão em relação ao campo do desenvolvimento urbano auxiliou a construção da ideia de uma região brasileira pautada na ruralidade e que foi instaurada no imaginário nacional. É imprescindível situar que existem Nordestes, no plural, com uma diversidade de elementos que os



constituem. Diferentemente de outras regiões, há uma notória dificuldade de apresentar elementos que definem ou resumem os territórios nordestinos, visto que a amplitude de povos que compõem a região é muito grande. Isso levou muitos intelectuais a afirmarem que a composição populacional do Sul era superior ao Norte por conta das origens das quais esses povos advinham, a marcação europeia do sul brasileiro enquanto no Norte se observava indígenas e pretos. (ZARFOLIN, 2008) A concepção de uma superioridade é um fator essencial para entendermos como se dá a construção de uma subjetividade e da sociedade brasileira baseada no racismo e na xenofobia. Logo, ganha forma e visibilidade a ideia de um Nordeste moldado e exclusivo, longe da urbanização e composto apenas por uma ruralidade, com seres considerados estranhos e exóticos perpassados por uma concepção eurocêntrica de mundo e de humanidade.

Ao pensar essa compreensão de Nordeste único e fechado, dialogamos com a escritora nigeriana Adichie Chimamanda (2019) quando utilizou o conceito dos perigos de uma história única, o que a autora experienciou quando migrou para os Estados Unidos e diversas vezes era interpelada por uma imagem de uma única África, incluindo seus modos de pensar, seus aspectos culturais, sociais e subjetivos. Adichie (2019, p. 11) comenta:

E então eu comecei a perceber que minha colega de quarto americana deve ter, por toda sua vida, visto e ouvido diferentes versões de uma única história. Como um professor, que uma vez me disse que meu romance não era “autenticamente africano”. Bem, eu estava completamente disposta a afirmar que havia uma série de coisas erradas com o romance, que ele havia falhado em vários lugares. Mas eu nunca teria imaginado que ele havia falhado em alcançar alguma coisa chamada autenticidade africana. Na verdade, eu não sabia o que era “autenticidade africana”. O professor me disse que minhas personagens se pareciam muito com ele, um homem educado de classe média. Minhas personagens dirigiam carros, elas não estavam famintas. Por isso elas não eram autenticamente africanas.

Adichie (2019) realiza um conjunto de questionamentos com uma potente compreensão em torno dos atravessamentos acerca dos elementos territoriais e raciais nas produções dos estereótipos em relação aos povos africanos, sobretudo das imagens elaboradas por populações europeias e norte-americanas em relação ao continente da autora. Neste sentido, a produção do Sudeste no que tange ao Nordeste reproduz uma lógica de poder e de manutenção de discursos, que ao longo da construção imagética do território brasileiro obedeceu a um pensamento racista e eugenista. A autenticidade reportada para os povos nordestinos no âmbito sócio-histórico do nosso país se deu primordialmente a partir de imagens edificadas por elementos negativos ou folclorizados, como é o caso das populações sertanejas que ora são representadas pelo contexto da seca, ora apresentadas como figuras cômicas. Junto com Adichie, concordamos quando ela apresenta a seguinte ideia:

Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com



“em segundo lugar”. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente. (ADICHIE, 2019, p. 12)

Logo, quantas vezes presenciamos os sulistas tomando protagonismos de pessoas nordestinas e contando suas histórias, pegando por assalto seu modo de ver e pensar, construindo uma noção de povos nordestinos de forma unilateral, e com isto, a construção subjetiva que faz as pessoas internalizarem que assim são, de modo que outras pessoas também percebam como elas são, solidificando um pensamento colonial, com ênfase na colonização da subjetividade.

Débora Diniz (2016), uma mulher nordestina, em sua pesquisa sobre o zika vírus traça um percurso acerca da produção de conhecimento. O diferencial em seu estudo é justamente o tensionamento com as questões de origem geográfica influenciando no modo como as pessoas acolhem as informações. Ao ouvir médicas e médicos do Nordeste, sobretudo do sertão paraibano, passa a entender como esses lugares e suas populações desenham um modo de conhecer e intervir junto a estas vidas. Sobre isso, a autora afirma haver muitas contestações em torno do trabalho de profissionais nordestinos. O pensamento que se construiu dessa região como não produtora de ciência e que o conhecimento verdadeiro era primordialmente elaborado nas regiões sulistas do Brasil também contribuiu de maneira incisiva para a forma como a imagem do Nordeste foi consolidada. Por outro lado, há um sotaque, uma cor, um gênero e uma sexualidade que predomina na apresentação e construção do conhecimento na ciência em nosso país, não sendo esse sotaque do Nordeste e a sexualidade não é homo/bissexual. Diniz (2016) aposta na concepção que para além da ciência de bancada, há outra que se interpela pelo cuidado, que ao se entrelaçar com a história dos Nordeste e de seus povos operam na construção do conhecimento. O zika vírus serviu como termômetro para compreensão do investimento e da credibilidade dada às pesquisadoras nordestinas. A discussão de Diniz (2016) é fundamental para pensar o valor do trabalho e a sistematização de médicas paraibanas quando questionadas por médicos sulistas. Caso elas migrassem para o Sudeste teriam mais visibilidade?

Ao apresentar esses processos que subalternizam as origens de algumas pessoas, e, com isso, seus saberes e a maneira pela qual elas percebem o mundo (SPIVAK, 2010), se traz ainda o fortalecimento da ideia de que seus saberes não se limitam a um conjunto das regiões que as inferiorizam, pois incluem em suas práticas e reflexões a própria história, as estruturas sociais e as práticas que decorrem dessa origem, que neste caso é do Nordeste. Nessa perspectiva, é fundamental construir um raciocínio em torno das principais teorias que embasaram o pensamento brasileiro: as teorias eugenistas e racistas no início do século XX, e que permanecem até os dias



atuais de maneira estruturada. (ALMEIDA, 2018) Após a chamada abolição da escravatura (que não aboliu as estruturas escravagistas da sociedade nacional), o Brasil passou a ser um campo fértil para que o pensamento eugenista se propagasse.

São Paulo, nos primeiros anos do século passado, inaugurava a Sociedade Eugênica, sendo a pioneira na América Latina. Nesta organização, apareciam nomes conhecidos da medicina na época, como Renato Kehl (um dos principais expoentes do movimento na época), Arnaldo Vieira de Carvalho (fundador da Faculdade de Medicina de São Paulo), Vital Brazil Mineiro da Campanha (criador do Instituto Butantan), Arthur Neiva (sanitarista), Franco da Rocha (médico psiquiatra), o escritor Monteiro Lobato, que ao apresentar seu personagem Jeca Tatu associava a raça à ideia de mestiçagem, à pobreza com as enfermidades e à procrastinação, como aponta Stepan (2005).

Na cidade do Rio de Janeiro, o eugenismo contava com o apoio do médico Miguel Couto, reconhecido pela Academia Imperial de Medicina por volta de 1883, assumindo a presidência da Academia Nacional de Medicina por volta de 1914 até 1934. As fusões construídas em torno da raça, do gênero e da origem das pessoas sofreram fortes influências do momento eugenista que acontecia no Brasil, principalmente na política de Getúlio Vargas, levando, na maioria das vezes, às pessoas que as mazelas eram naturalizadas entre determinadas pessoas. (STEPAN, 2005)

Os estudos biológicos de Mendel auxiliavam países como Grã-Bretanha, Alemanha e Estados Unidos a constituírem uma linha sólida na difusão da eugenia, tendo como fio mediador a hereditariedade. Para Mendel, esta não era interpelada pelo meio no qual as pessoas se inseriam e a conservação das raças estava submetida a uma necessidade de não degenerar a raça pura, que neste caso era a branca. (STEPAN, 2005)

Degeneração foi um conceito apresentado no campo da medicina social até o período do Holocausto, objetivando conceituar os desvios de normalidade em contexto hereditário e sem possibilidade de cura. As principais características usadas para justificar esse pensamento eram estrabismo, orelhas com má formação ou deformação corpóreas, além de patologias como histeria, esquizofrenias e outras tantas, que na maioria das vezes eram submetidas como doenças de pretos, pobres e nordestinos. (COIMBRA, 1995) A terminologia degenerado foi essencializada em diversas áreas do conhecimento e perpassou estudos em torno da sexualidade, da criminologia, da psicologia e da medicina, que, ao introduzirem esse conceito em suas práticas, produziram um ideal racista, xenofóbico e cissexista das práticas, auxiliando na propagação do pensamento de que pessoas negras, mulheres e pessoas LGBTQI+ detinham um menor intelecto e estavam mais propensas a praticar crimes ou eram naturalmente inferiores. (SANTOS; SHUCMAN; MARTINS, 2012)



A América Latina passa, então, a ser reconhecida como um terreno fértil para os chamados degenerados, território apontado pelos eugenistas europeus como lócus primário da degeneração racial, que levavam os grupos científicos a aceitarem que o fato de estarem abaixo no globo terrestre justificava a inferioridade. Ao analisarmos a eugenia, é possível compreender que não se trata de uma ciência *stricto sensu*, configurando-se como um manejo político-social amparado com o objetivo de intervir diretamente nas práticas urbanas, a fim de controlar as populações periféricas. O enquadramento das pessoas em um padrão racista e que ao longo da colonização brasileira criou uma identidade nacional (perpassada numa subjetividade nacional que a diversidade brasileira produziu uma igualdade entre os povos que nele habitam) em torno da raça e do gênero alicerça-se no pensamento eugenista.

O percurso da teoria eugenista latino-americana revela a relação estabelecida pelas elites brancas com as populações negras, com os pobres e com as bichas, resultando em problemas de saneamento, de saúde e de vulnerabilidade social a partir de explicações biológicas. Nesse sentido, a elite citada acreditava em uma “nova ciência capaz de introduzir uma nova ordem social por intermédio do aperfeiçoamento médico da raça humana”. (STEPAN, 2005, p. 57)

As intervenções mais incisivas de refinamento racial utilizaram-se de violentos métodos, tais como: esterilizações compulsórias, segregação sexual forçosa e eutanásia. Em países como Argentina, Brasil e México prevaleceu a ‘eugenia matrimonial’, destacando maneiras de vigilância endossadas por certificações médicas e documentos pré-nupciais. No México comumente foi cultivada a esterilização, no mesmo período na Argentina discutiu-se a necessidade da criação de cartões de identificação biotipológica, os quais determinariam a escolha de companheiros para fins reprodutivos a partir do dado da compatibilidade. No contexto brasileiro, a sociedade ainda matinha as heranças imperiais, mesmo que já se tivesse configurado como República por volta 1889, os rastros coloniais e a lógica governamental do império que ainda assolavam as principais práticas sociais, seguindo uma lógica escravagista, a determinação em torno da cor permanecia como critério de povoamento e desenvolvimento de uma determinada nação.

3.1 Que bicha é essa?

O Rio de Janeiro, após as eleições de 2016, tem enfrentado um sucessivo sucateamento dos serviços e das instituições de acolhimento às populações LGBTQI+. A eleição do bispo Marcelo Crivella representou um ataque direto para bichas que viviam na cidade e daquelas que chegavam, como eu. O slogan da campanha ‘chegou a hora de’ pôs um conjunto de ações corruptas que se alastravam na cidade maravilhosa. O cuidado que Crivella apresentou para a população carioca



priorizou o corte de 239 equipes na Atenção Básica⁴, sendo 184 de saúde da família e 55 de saúde bucal. O corte incidu sobre cerca de 1.400 famílias, e todas estas equipes estão situadas na Zona Oeste, principalmente nos bairros de Jacarepaguá e a Cidade de Deus.

A precarização do viver na cidade do Rio de Janeiro, acentuada pelos avanços de perspectivas protestantes na política regional do estado, e que não à toa acabam também por coincidir com minha chegada na cidade, atravessam esta escrita e minha inserção como psicólogo comunitário no Complexo de Favelas Maré na cidade do Rio, pois no lugar em que desenvolvo as intervenções como profissional encontro frequentemente com paraibanas(os) que chegaram nas últimas décadas naquele território. Tal experiência é marcada por um fino traço da regionalidade e das conexões com os modos de ser nordestino(a), que geram uma aproximação. Por exemplo, em um dos meus atendimentos, uma jovem colocou “*O psicólogo tem o sotaque igual o da minha mãe, to ouvindo ela falar do mesmo jeito – sinistro!*”.

A partir de uma experimentação no campo da escrita e a ênfase em saberes decoloniais, resolvi escrever sobre este percurso que não é apenas meu, mas de muitas pessoas que acabam em periferias dos grandes centros urbanos, levando na mala o conhecimento de lugares que não são privilegiados na universidade e conseqüentemente tomados como menores, quando não violentados e atacados em prol de um conjunto de pessoas e histórias que acabam por contar o percurso das migrações nordestinas.

A universidade é marcada pela predominância do homem branco, heterossexual, dos grandes centros urbanos (foco no Sul e Sudeste) e cisgênero⁵, como diz Ristoff (2014). Lembro que em algum momento enquanto psicólogo no ambiente de trabalho, a minha sexualidade diversas vezes era tomada como uma questão na capital carioca, pois sempre percebi murmurinhos e algumas vezes a própria face da violência contra bichas, “*esse psicólogo é muito viadinho, né? Será que na consulta ele dá em cima da galera?*”, situações que se estendiam dia após dia, inclusive no cotidiano, no qual a ideia de ser bicha estava atrelada a duas principais vias: todo e qualquer garoto em algum momento seria tomado por instrumento de desejo sexual por mim, seja em ambiente profissional ou fora dele. Segundo, ser bicha me colocava num lugar menos valorizado, na qual deveriam ser sempre averiguados minha postura e comportamento em detrimento das minhas intervenções, o que fazia acreditar que havia uma sentença destinada às bichas nessa cidade: a desconfiança violenta em torno do corpo que não atendia o que era esperado enquanto sociedade. (AKOTIRENE, 2018)

4 Reportagem de 30 de novembro de 2018 do jornal Extra. Disponível em: <http://glo.bo/2CQ3v7o>.

5 Cisgênero é um termo pensado no campo dos estudos da sexualidade e das questões de gênero com o intuito de desconstruir as marcações do binarismo entre a biologia e as ciências sociais e humanas no que tange os conceitos de ambos os campos. (SANDER; CAVALVANTI, 2019)



Evidentemente que o lugar que ocupo de pessoa branca me coloca em uma situação de privilégio, visto que as relações raciais brasileiras representam um divisor no acesso e na compreensão do modo como as pessoas se relacionam e não à toa somos o país que mais perpetuou a escravidão dos povos africanos, tendo consequências devastadoras para as populações trazidas do continente, bem como dos seus descendentes. (VEIGA, 2019) Penso, então, que a minha luta como bicha e nordestina precisa estar conectada com um movimento de descolonizar a ideia que se instaurou em nossas relações, entendendo que as estruturas que sustentam a sociedade em que vivemos são tomadas a partir dos referenciais de opressão e que se elas não mudarem, ainda estaremos produzindo práticas colonizadoras. O próximo eixo da escrita traça um percurso reflexivo em torno do resgate da memória, da cultura, do conhecimento e do pensamento da bicha do sertão paraibano.

3.2 O que pode uma bicha nordestina?

Em 2016, bairro de Botafogo na zona sul do Rio de Janeiro, a bicha sertaneja descia o elevador do condomínio que morava, onde dividia apartamento⁶ com mais sete pessoas. Não estava acostumado aos elevadores com espelho e com os perfumes caros que ficavam no caminho nos fins de tarde. Gostava de estar próximo do mar, isso era uma das únicas coisas que gostava de fazer naquela região, embora só o conheceu quando atingiu a maior idade. Certo dia, foi parado pela síndica do prédio e após falar bom dia, uma senhora de seus mais de 50 anos, com um ar angelical, típico de boa velhinha, faz sinal para ela parar, olha docemente e no movimento dos seus lábios se ouve: “*Como assim, já se vai? Mal chegou.*” Não entendendo nada que estava acontecendo, não sabendo muito bem o motivo daquela frase, insisti: “*Estou apressado, precisa da minha ajuda, senhora?*” Ela retruca: “*Não foi você que foi contratado para ser nosso novo porteiro, o rapaz novinho do norte, magrinho e nordestino? O seu contrato já foi assinado, por você inclusive, temos muitas pessoas querendo a vaga, Paraíba*”.

Respiro, fico parado diante daquilo, o sotaque marcou uma posição naquele lugar, só seria possível morar ali com outro sotaque, que não lembrasse a fala de algum jovem porteiro, muito provavelmente advindo das minhas terras. A única forma que eu consegui lidar com aquilo foi com um: “*sou morador do 603*”, e sai. Entendi naquele instante que meu sotaque demarcava uma história, uma forma de se relacionar com aquele lugar. Sou uma bicha branca, e isso me dá uma possibilidade de transitar em vários lugares dessa difícil cidade. Ainda que a cor sobressaia muitos

⁶ Cabe ressaltar que não era um enorme apartamento, tratava-se de um apartamento de dois quartos. A escolha por morar nele (naquela região da cidade) foi por questão financeira, já que quando procurado anúncios de divisão na internet este imóvel ficava por uma pechincha, visto que, éramos sete corpos em três cômodos.



aspectos, friso que o sotaque nordestino numa cidade do Sudeste cria barreiras estruturais, ainda mais quando este acompanha uma fala fina e um corpo que rebola.

Naquele instante algo me tirava a possibilidade de fala e de resposta: trazia na minha fala um povo violentado, aniquilado ao longo da constituição desse país. A senhora carioca aflorava em mim um desejo “se você quer mesmo me ferir, fale mal da minha língua” (ANZALDUA, 2009, p. 312), não se tratando de um questionamento em torno do modo como ela olhava para meu povo, o corpo que aqui escreve demarca a possibilidade de continuar a defender uma história, que também é minha vida. Paraíba como a regionalização e a ancestralidade que me compõe.

Essa é a história de um menino nascido num sertão esquecido desse país, que cresceu entre lajeiros, açudes, mandacarus, mangueiras, umbuzeiros, juazeiros, benzedeiros e muitas outras coisas, e são elas que nos dão caminho para a travessia que se inicia. Gostaria que essas linhas a serem escritas não tomassem o tom de verdadeira forma de olhar para o que é dito.

Talvez, não seja possível uma linearidade nas ideias, as histórias são fortes energias que conectadas transportam milhares de conexões, cheiros, imagens e um desafio: contar a história de um lugar que é berço de muitos e muitas trabalhadoras desse país (mulheres agricultoras, domésticas, pedreiros, ferreiros, doutores). Essas pessoas, como antes dito, estarão comigo por onde eu for. Contudo, existe um corpo de uma bicha que numa cidade do interior nordestino era colocada em questão, isso não quer dizer que em outros espaços tal existência não tenha sido pauta de questionamento, mas estamos falando de um lugar que as violências são direcionadas para corpos específicos, por meio da sexualidade e da origem, e que as formas de pensar e exercer controle desempenham uma função direta sobre minha vida decidindo inclusive sobre o futuro, sobre acesso aos lugares.

Certa vez, minha orientadora de doutorado me sugeriu um texto, nele li “Quem disse que privar um povo de sua língua é menos violento que guerrear?”. (ANZALDUA, 2009, p. 297) A palavra e o dito acabam por produzir efeitos no corpo e por isso acho necessário começar com a citação anterior. O sotaque é uma corporificação, e para muitas senhoras não se é permitido corporificá-lo, pois acabam por nos tirar a possibilidade de afirmar a nossa história, inclusive pelo fato de colocarem um único lugar para nossos sotaques, uma única maneira de pensar sobre nossos corpos. As senhoras cariocas acabam contando nossos percursos com uma imagem arraigada na seca e na fome que assola o nosso povo, além dos lugares que os colocaram na cidade do Rio de Janeiro, somos porteiros(as), motoristas, domésticas(os), faxineiras(os) e estamos em salas de doutorado, na gestão de serviços públicos e em cargos empresariais. Por isso, as senhoras que só conseguem se relacionar com a imagem destrutiva dos nossos corpos ou com as belas paisagens



que compõem uma das regiões esquecidas do Brasil nos fazem pensar: “há uma relação muito frouxa entre o que os cientistas acreditam ou dizem acreditar e o que eles realmente fazem”. (HARAWAY, 1995, p. 9)

Os cientistas a quem Haraway se dirige estão situados no manso falar da senhora, dotados de boa vontade acabam por nos apresentar uma importante faceta de suas vidas, criam um abismo entre aquilo que dizem acreditar e aquilo que estão a fazer. Acreditar e fazer são dois verbos que precisam de prudência ao serem colocados aqui nessa história. Acreditar funciona em nossa sociedade como uma forma de garantir um jeito de olhar para as coisas, tem a ver com crer, e há uma intensidade nisso, na qual somos demandadas(os) a não perder a rédea diante das questões que nos surgem, tais como: a aniquilação de um sotaque, de povos, de algumas histórias. Determinados cientistas trabalham com a crença e pretendem torná-la controlável, funcionando como um dos seus objetivos. O fazer nos leva à crença que é possível trazer o sotaque para aquilo que nos relacionamos, criar tensão nos textos encontrados nos percursos, rasgar a forte ideia que neutraliza o corpo na relação com o que se escuta, percebe, sente. Sotaque que dá base para o enfretamento de senhoras e senhores que colocarão muitos das(os) meus/minhas no lugar a elas(es) ditos destinadas(os), para conflitar nosso silêncio e fraqueza diante do assassinato do nosso falar, mudaremos estes destinos:

Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo. (EVARISTO, 2005, p. 161)

O sotaque se entrelaça à existência da bicha, não há como pensar um sem a existência do outro em relação a migrar, pois como dito e frisado, o Nordeste e a bicha que dele se deslocou construíram com diversos manejos um modo de permanecer vivos, tanto fisicamente, visto que é alvo constante das violências por sua sexualidade, quanto na composição que seu sotaque produz.

O conceito de interseccionalidade é um aliado para tratarmos das questões que perpassam esse artigo. Trata-se de um conceito que é fruto das experiências de mulheres negras que passaram a assumir um lugar de protagonismo em torno da construção do conhecimento, como potentes vozes ao pensar com as questões do cotidiano, a exemplo do lugar da mulher negra na sociedade, a questão do gênero das mulheres e da raça das populações pretas. (COLLINS; BILGE, 2020) Pensar a perspectiva interseccional num recorte geográfico no contexto brasileiro requer um olharmos para os efeitos e as diferenças existentes na compreensão de regiões, territórios e dos deslocamentos dentro do nosso país. As discussões em relação à origem territorial no Brasil não



datam de um processo recente, pelo contrário, acompanham os mais variados períodos da história nacional. Porém, é necessário olhar atento e interseccional para essa questão.

4 Conclusão

Dessa forma, a bicha nordestina que migra para o Sudeste brasileiro carrega no corpo diversas marcas que a compõe e que se acentuam no deslocamento, construindo olhares sensíveis e potentes ao lugar de origem, que neste caso é o sertão paraibano, quanto para a cidade do Rio de Janeiro na região Sudeste, lugar que reside.

A cidade e os fluxos migratórios interpelam de tão modo que as narrativas de bichas passam a compor a própria configuração urbana, o Rio de Janeiro compõe enquanto novo território esse corpo que nele chega, e o contrário também é uma realidade. PesquisarCOM um corpo que transita e quebra as normas, partindo as estruturas que amarram a existência de bichas, com suas histórias, suas dores, seu percurso e suas origens. Neste âmbito, a autoetnografia também me emerge como possibilidade de apresentar histórias e memórias ao longo dos territórios que atravessei, compondo conhecimentos e experiências, principalmente na chegada no Rio de Janeiro.

Sendo assim, as questões em torno da migração perpassam uma pluralidade de elementos, que vão desde a sexualidade, de origem, de desejo e de reconstrução de contar suas histórias.

Referências

- ADICHIE, C. *O perigo da história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, C. *O que é interseccionalidade?* São Paulo: Letramento, 2018.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, S. L. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte : Letramento, 2018.
- ANZALDUA, G. *Como domar uma língua selvagem*. Cadernos de Letras da UFF, Niterói, n. 39, p. 297-309, 2009.
- BERNARDES, D. M.. Notas sobre a formação social do Nordeste. *Lua Nova*, São Paulo, v. 71, p. 41-79, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3FizPrH>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3FCrXrr>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- COIMBRA, C. M. B. *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do milagre*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.
- COLLINS, P.; BILGE, H. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- DINIZ, D. *Zika: do Nordeste à ameaça global*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira,



2016.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N.; MARTINS, H.; SCHNEIDER, L. (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa, PB: Ideia/UFPB, 2005. p. 201-212.

GARCIA, C. *O que é o Nordeste brasileiro?* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2017.

GOMES, C. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://bit.ly/2LzaMMY>. Acesso em: 6 dez. 2019.

MELO, M. N.; FUSCO, W. Migrantes nordestinos na região metropolitana de São Paulo: características socioeconômicas e distribuição. *Confin*s, Paris, n. 40, p. 1, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3FZGDBp>. Acesso em: 19 nov. 2019.

MOMBAÇA, J. O mundo é meu trauma. *Piseagrama*, Belo Horizonte, n. 11, p. 20-25, 2017.

MORAES, M. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau, 2010. p. 26-51.

OLIVEIRA, J. M. D.; MOTT, L.. *Assassinatos LGBT no Brasil: relatório 2021*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3WgT1nu>. Acesso em: 12 abr. 2022.

OLIVEIRA, K. F. Migração e desigualdade regional em Sergipe. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 121, p. 167-188, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3PAJMFf>. Acesso em: 23 nov. 2021.

REGO, K. H. V. C.; GALINDO, M.; RABAY, G. L. F. A metamorfose de Hermila: a migração Nordestina e as relações de gênero no filme O céu de Suely. In: REDOR: ENCONTRO DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES GÊNERO, 18., 2014, Recife. *Anais [...]*. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. *Avaliação*, Campinas, v. 19, n. 3. p. 723-747, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3Wdh7iM>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SANDER, V.; CAVALCANTI, C. S. Contágios, fronteiras e encontros: articulando analíticas da cisgeneridade por entre tramas etnográficas em investigações sobre prisão. *Cadernos Pagu*, n. 55, p. 1-32, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3G35vZV>. Acesso em: 2 fev. 2022.

SANTOS, A. O.; SCHUCMAN, L. V.; MARTINS, H. V.. O breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 32, p. 166-175, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3Yx1gNA>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SILVA, G. H. *Raça, gênero, sexualidade e interseccionalidade: a potência da bixa preta*. 2020. 81 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Saúde) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

STEPAN, N. L. *A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.



VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal*, Niterói, v. 31, p. 244-248, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3FGKVgx>. Acesso em: 12 dez. 2021.

VERGUEIRO, V. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. 2015. 244 p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3YtpZm1>. Acesso em: 1 nov. 2021.

